

A APRENDIZAGEM AUTOGERIDA COMO FERRAMENTA GERADORA DE CONHECIMENTO

SELF-MANAGED LEARNING AS A KNOWLEDGE GENERATING TOOL

Ana Maria Lemes Coelho¹

Antonio Jerri Castro de Abreu²

Maria da Conceição Barbosa Guimarães³

Mara de Fátima Martini⁴

Vânia Rosa Alves⁵

Resumo: A busca pelo conhecimento na formação pessoal e profissional tem se tornado ainda mais instigante nessa década. As diversas portas que se abrem ao dispor daquele que tem o interesse e necessidade de aprender, faz com que diversas instituições abracem a modalidade online e *e-learning*, promovendo cursos e formações com a metodologia autogerida, utilizando-se do design instrucional para garantir a aprendizagem desse aluno. Este trabalho visa realizar um resumo sobre o ciclo que envolve a necessidade da busca pela aprendizagem autogerida, buscada pelos professores, que contam com uma grande defasagem curricular quando o assunto é tecnologia. Ademais, o texto que segue busca compreender melhor os principais conceitos sobre essa nova modalidade de ensino-aprendizagem que atualmente está ao dispor de todos, refletindo criticamente sobre o que é design instrucional e como funciona, além de entender aspectos da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e como tudo isso está interligado, quais seus benefícios e dificuldades encontradas no caminho, e como o professor pode utilizar dos seus conhecimentos prévios para melhor desenvolver-se e fazer o mesmo com seus alunos. Para isso, realizou-se uma pesquisa com levantamento bibliográfico. O resultado dos estudos feitos indica que há grande contribuição de utilizar o design instrucional para a construção de ambientes de aprendizagem que promovam a autonomia dos alunos.

Palavras-chave: Design Instrucional. Aprendizagem Autogerida. Formação de Professores. Protagonismo.

- 1 Graduada em Pedagogia - PUC-Goiás. Pós-graduada em Informática Educativa - PUC-Goiás. Pós-graduada em Formação do Grupo de Multiplicadores da Cultura Gerencial-FGV. Pós-graduada em Métodos e Técnicas de Ensino - Universo. Pós-graduada em Educação Especial na Perspectiva do AEE – ICG. Pós-graduada em Análise do Comportamento Aplicada para Transtorno Espectro do Autismo. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: amlcoelho@gmail.com
- 2 Licenciado em Matemática pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Única. Pós-Graduado em Metodologia do Ensino de Matemática e Física pela Universidade Cândido Mendes. Pós-Graduado em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pelo Instituto Souza. Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela MUST UNIVERSITY. Professor efetivo da Rede Estadual do Ceará. E-mail: jerricastro14@gmail.com. Currículo Lattes: lattes.cnpq.br/5788456945776641.
- 3 Graduada em Pedagogia Licenciatura Plena pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Especialista em Gestão Escolar (UFC) universidade federal do Ceará. Mestranda em Tecnologias Emergentes pela Must University. Email: ceica_bg@yahoo.com.br
- 4 Graduada em Licenciatura em Geografia. Pós-Graduada em Gestão Escolar. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. Email: mareug_05@hotmail.com
- 5 Graduada pela Universidade Federal de Uberlândia em Educação Artística, habilitação em artes plásticas. Especialista pela União Educacional de Minas Gerais em Tecnologias Digitais aplicadas à educação. Especialista em Arteterapia Educacional e Clínica pela Faculdade de Tecnologia IPPEO. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: vaniarosa546@gmail.com

Abstract: The search for knowledge in personal and professional training has become even more exciting in this decade. The different doors that open up to those who have the interest and need to learn, make several institutions embrace the online modality and e-learning, promoting courses and training with self-managed methodology, using instructional design to guarantee the student's learning. This work aims to summarize the cycle that involves the need to search for self-managed learning, sought by teachers, who have a large curricular gap when it comes to technology. In addition, the text that follows seeks to better understand the main concepts about this new teaching-learning modality that is currently available to everyone, critically reflecting on what instructional design is and how it works, in addition to understanding aspects of the Zone of Proximal Development (ZDP) and how all of this is interconnected, what are the benefits and difficulties encountered along the way, and how teachers can use their prior knowledge to better develop themselves and do the same with their students. For this, a bibliographic research was carried out. The result of the studies carried out indicates that there is a great contribution of using instructional design for the construction of learning environments that promote students' autonomy.

Keywords: Instructional Design. Self-Managed Learning. Teacher training. Protagonism.

1 Introdução

A tecnologia que está presente atualmente no dia a dia da maioria dos jovens e adultos, adentra agora em uma esfera ainda mais necessária, a da educação. Sabemos que há tempos discute-se sobre a implementação das tecnologias e seus usos na formação de professores e conseqüentemente nas salas de aulas. Como nos apresenta Barreto (2003), em seu artigo publicado na Revista Brasileira de Educação, a discussão e aceitação sobre o ensino tecnológico e da tecnologia eram extremamente marginalizados, tendo a nomenclatura “professor” por vezes trocada por “facilitador, tutor e animador”, deixando o EAD (ensino a distância) com um aspecto de ensino apoio, superficial. Atualmente, sabemos que essa realidade vem sendo modificada e as instituições que prezavam pelo ensino rigorosamente presencial, passaram a disponibilizar plataformas cada vez mais completas e interativas para a formação continuada de seus alunos.

A formação docente, no que diz respeito ao âmbito tecnológico sempre esteve fora, a parte, deixando a cargo do estudante a busca por esse conhecimento, não ofertando disciplinas que dessem ao futuro profissional a noção de que a tecnologia poderia vir a ser uma ferramenta necessária para o seu desenvolvimento e desempenho seu e também dos seus alunos. O professor passa então a ser seu próprio agente formador nesta área, buscando com amigos mais informados, cursos extracurriculares que venham a suprir essa falta no seu currículo de formação inicial. Encontrando agora instituições renomadas que possam possibilitá-lo o estudo e aprendizagem, neste caso, sem sair de casa.

Partindo desse ponto, podemos inferir que o professor dentro da sua formação ainda defasada, vê-se então como o protagonista da busca pela sua formação autogerida, unindo essa demanda com os avanços tecnológicos do design instrucional, encontramos e focamos o nosso primeiro público-alvo de pessoas que buscam por necessidade e formam-se por capacidades adquiridas dentro da sua jornada de aquisição de conhecimentos profissionais, a do magistério. Fazendo uso de outros saberes e entendendo melhor como funciona o processo de aprender, avaliar e repassar o conhecimento, o professor busca o e-learning como aluno e sa como mestre,

apto e consciente da sua renovação de conhecimentos quando é exposto aos modelos de design instrucional, podendo até a uma possível reflexão sobre sua postura enquanto professor formador de um outro ambiente.

Diante do exposto, o estudo proposto tem grande relevância, por discutir as novas maneiras de aprender e como o design instrucional pode ajudar a construir um ambiente virtual de aprendizagem que possa guiar o processo de aprendizagem no sentido de formar alunos mais autônomos e capazes de autogerir sua aprendizagem.

O objetivo, então, é discutir a pertinência do design instrucional para o desenvolvimento de aprendizagem autogerida. Para tanto, realiza-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, em artigos científicos que tratam sobre o tema. Os resultados dos estudos são apresentados no item 2, a seguir, quando se fala das possibilidades e desafios em utilizar o design instrucional para a criação e desenvolvimento da aprendizagem autogerida. Em seguida, apresentam-se as considerações finais do trabalho, demonstrando como o objetivo proposto foi atingido.

2 Aprendizagem autogerida e design instrucional: possibilidades e desafios

A partir das discussões e leituras realizadas na disciplina Princípios do Design Instrucional, é possível afirmar com mais clareza como a aprendizagem autogerida pode intensificar a qualificação profissional mútua no ambiente de trabalho, visando o ensino-aprendizagem de um aluno que torna-se no decorrer desse percurso de estudo, autônomo naquele conhecimento adquirido que mais lhe afetou, cativou e envolveu de maneira positiva e efetiva.

Nesse sentido, o objetivo é entender as contribuições e limites da aprendizagem autogerida na formação de alunos mais autônomos. Para tanto, questiona-se a pertinência do design instrucional na construção de ambientes virtuais que possam levar o aluno a construir seu próprio conhecimento. Atualmente, faz-se extremamente necessário discutir sobre o assunto visto que, mesmo antes da pandemia, os cursos a distância cresciam de maneira acelerada, o que ficou ainda mais evidente no contexto pós-pandemia. A educação digital é uma realidade e é preciso refletir sobre as possibilidades e efetividades dos cursos a distância hoje, visto que se exige uma maior autonomia e autogestão da aprendizagem por parte do aluno, do que nos cursos presenciais, considerando que online é o aluno que organiza seu tempo de estudo.

É possível encontrarmos diversas plataformas de ensino, cursos com abordagem autogerida, online e com certificação válida dentro e fora do país. Uma delas é a *Amnistia*, plataforma de nível internacional, mas de fácil acesso, que disponibiliza no seu conteúdo diversos cursos na área da educação, informática, direito, entre outras; tudo isso contando com uma certificação final, que é reconhecida em todo território mundial. Utilizando-se da metodologia autogerida, a plataforma dispõe de chats para conversação entre os alunos durante todo o curso, sendo possível assim, um diálogo fluido entre alguém que acabou de iniciar o módulo e alguém que já está finalizando. Encontramos também como ferramenta de estudo autogerida, as avaliações disponíveis em cada página, retomando e reforçando os conhecimentos adquiridos ao longo do percurso.

Todo esse design, que podemos chamar também de desenho, traz consigo como objetivo levar o aluno ao contínuo aprendizado, é o resultado da ação de uma ampla pesquisa que resulta nessas e em outras técnicas que ser vistas desde o uso de linguagem adequada nas instruções, até os materiais que são disponibilizados, tudo isso, como nos mostra Filatro (2008), é o

design instrucional. Em resumo, podemos entender o design instrucional como a construção, planejamento e organização intencional de cursos, treinamentos ou qualquer outro processo formativo que tenha como objetivo ensinar algo a alguém. O design instrucional, nesse sentido, observando o público-alvo e os objetivos instrucionais, organiza um ambiente de aprendizagem que permite que esses objetivos sejam atendidos.

Para isso, o profissional responsável por tal empreitada, deve possuir um conjunto de conhecimentos, de distintas áreas, como pedagogia, administração e psicologia da aprendizagem, para entender que processos são mais benéficos e efetivos para o processo de ensino e aprendizagem. Um dos conceitos, por exemplo, é a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), conceito trabalhado na Psicologia Histórico-Cultural do psicólogo russo Lev Vygotsky.

Sabendo que a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD) noção trazida por Vygotsky desde 1978, tem como principal objetivo analisar, discutir e agir sobre as formas de aprendizagem e os métodos utilizados para chegar a resultados satisfatórios, já que, a partir da observação e avaliação, as atividades, métodos e possíveis análises de aprendizagem passam por um processo de afinamento, levando ao aluno aquele conteúdo, linha de estudo e pesquisa que ele mais se aproxima, que tem afeição e maior desenvolvimento. Assim, as plataformas de cursos a distância podem se apropriar desse conceito, para estruturar percursos formativos que levem os alunos a sair da Zona de Desenvolvimento Proximal para o Nível de Desenvolvimento Potencial, transformando-se, em seguida, em Nível de Desenvolvimento Real.

Podemos ressaltar que a ZPD, o design instrucional e a aprendizagem autogerida estão inteiramente ligados, principalmente no que diz respeito ao uso dessas ferramentas na formação de currículo de profissionais da educação. Uma vez que o professor utiliza seus conhecimentos de base da formação acadêmica, está a um passo à frente na sua capacidade de ser um formador de si mesmo com total domínio de causa, fazendo do ambiente em que ele atuará como profissional muito mais aberto ao desenvolvimento intelectual.

A qualidade da colaboração define um ambiente de aprendizagem bem-sucedido, porque a criação do conhecimento é fundamentalmente um processo social (Vygotsky, 1978; Wenger, 1998). No do universo da busca pelo conhecimento autogerido, o profissional da educação abre um leque de oportunidades para reflexão sobre sua própria prática docente, podendo levar aos seus alunos, como professor formador, um protagonismo diferenciado, utilizando-se das plataformas online que podem ser facilmente acessadas pelos alunos dentro e fora do ambiente escolar, fomentando atividades diferenciadas, e fazendo no currículo do aluno o que não foi feito no seu, abrindo um mundo de oportunidades de trabalho para ele e de ensino para o seu aluno.

Apesar dos diversos pontos positivos que foram expostos, é necessário fazer o balanço de como a educação autogerida também está sob dependência de fatores que possam ser vistos como negativos, e por isso, ainda muito distante da realidade de muitos, principalmente do seu uso dentro e fora da sala de aula pelos professores. A necessidade crucial de um bom acesso a internet, espaço adequado para estudo, leitura, avaliação, além de precisar estar física (já que estará sentado em um mesmo lugar por muito tempo) e emocionalmente (terá que ter domínio de tempo e concentração) preparado e disposto a arcar com as consequências de ser um agente formador de si mesmo. Tudo isso implicará diretamente nos resultados colhidos pelo estudante, não importando aqui, o design instrucional mais bem preparado e adaptado para levá-lo ao completo estado de aprendizagem. A lembrar, Fonseca (2016) aponta que

As emoções afetam todas as aprendizagens, quanto mais envolvidas forem com elas, mais mobilizadas são as funções cognitivas da atenção, da percepção e da memória, e mais bem geridas e fortes serão as funções executivas de planificação, priorização, monitorização e verificação das respostas. (Fonseca, 2016, p. 371).

Entendemos então a importância da preparação emocional para ser um agente formador, para estar à frente de um mundo de textos, ideias ao seu dispor e saber como identificar a que caminho percorrer e que filtros usar para chegar até lá. Ainda há muito o que se pesquisar e discutir sobre o conhecimento autogerido e o ensino-aprendizagem que o engloba.

Diante do exposto até aqui, observamos a pertinência de uma ferramenta que possibilite a criação de ambientes virtuais de aprendizagem intencionalmente organizados visando desenvolver autonomia nos estudantes, por meio da aprendizagem autogerida. Para tanto, é preciso levar em consideração quem são esses estudantes, que conhecimentos já possuem para que, a partir disso, possam progredir e adquirir mais conhecimentos, mas também mais habilidades e competências.

3 Considerações finais

Dado o exposto, o processo de pesquisa e reflexão sobre a formação de professores e sua necessária busca pelo conhecimento autogerido sobre as tecnologias digitais que nos move nos dias atuais, podemos ressaltar a importância do contínuo avanço nas pesquisas sobre design instrucional e os métodos utilizados nas plataformas que agora dão o total apoio e suporte na formação de conteúdos da classe que tende a ser a mais importante do mercado.

Levando-se em conta tudo que foi observado, pontuamos então o processo de busca pelo conhecimento autogerido, mesmo contando com uma série de questões para ser desenvolvida e a necessidade de um querer e saber focar nas escolhas feitas, acaba por ser uma saída para as formações, deixando as presenciais em segundo plano, mesmo que vistas como superiores em alguns âmbitos e por alguns estudiosos, falham quando o assunto é formação de um completo e variado currículo profissional, resultando na busca individualizada de cada ser, que agora utiliza-se dos meios virtuais para o preenchimento das lacunas deixadas pelas instituições de ensino.

Referências

FILATRO, A. *Design instrucional na prática*. São Paulo: Pearson Education Brasil, 2008.

FONSECA, V. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. *Revista Psicopedagogia*, 33(102): 365-384, 2016.

BARRETO, R. G.; GUIMARÃES, G. C.; MAGALHÃES, L. K. C.; LEHER, E. M. T. As tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores. *Revista Brasileira De Educação*, 11(31), 2006.

VYGOTSKY, L. S. *Mind in Society*. Cambridge Massachusetts, Harvard University Press, 1978.

WENGER, E. *Communities of practice. Learning, meaning and identity*. Cambridge, Cambridge University Press, 1998.